

Historiador e Jornalista Premiado

GILES TREMLETT

breve
história
de



ESPANHA

«Um guia sociocultural fascinante.»

The Guardian

v o g a i s

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Introdução | 9 |
| 1. O Tio Hércules e o Poço dos Ossos | 15 |
| 2. Elefantes, Cartagineses e Romanos | 25 |
| 3. Destrancar a porta — Al-Andalus | 37 |
| 4. Reconquista — Três Espanhas | 49 |
| 5. Isabel e Fernando | 61 |
| 6. A queda de Granada | 67 |
| 7. Procurar a Ásia, descobrir a América | 71 |
| 8. Pureza | 81 |
| 9. Império | 95 |
| 10. Conquistadores | 99 |
| 11. Escravatura que traz consigo uma coroa | 107 |
| 12. Êxtase | 113 |
| 13. Uma Idade de Ouro | 117 |
| 14. Ele cativou-me | 127 |
| 15. Endogamia | 139 |
| 16. Farinelli e os monarcas melancólicos | 147 |
| 17. Absolutismo no Século das Luzes | 151 |
| 18. Revolução | 159 |
| 19. Dos de Mayo | 163 |
| 20. Guerra e independência | 167 |
| 21. Fernando VII, <i>o Desejado</i> | 173 |
| 22. Liberdade de Espanha | 177 |
| 23. A longa guerra civil | 183 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| 24. Uma espécie de democracia | 195 |
| 25. A Revolução das Damas | 201 |
| 26. Onde estás, Espanha? | 213 |
| 27. Uma semana trágica | 219 |
| 28. O Mussolini de Espanha | 227 |
| 29. A Segunda República | 231 |
| 30. O golpe de 1936 | 237 |
| 31. El Caudillo | 245 |
| 32. Um regresso à democracia | 259 |
| 33. A rosa vermelha | 265 |
| 34. Regressa a direita | 275 |
| 35. Bombas no Al-Andalus | 281 |
| 36. Livrar-se do que é passado? | 287 |
| | |
| Agradecimentos | 295 |
| Leituras recomendadas | 297 |
| Índice de nomes | 299 |

INTRODUÇÃO

Podíamos escolher qualquer momento imediatamente antes de um desafio de futebol com a seleção nacional espanhola, mas principiemos pela final do Campeonato do Mundo de 2010 no estádio da Cidade do Futebol em Joanesburgo, na África do Sul. O jogo terminará em vitória graças a um golo marcado por Andrés Iniesta no prolongamento, o que suscitou uma efusão de júbilo e orgulho nacional. *La Roja* — Os Encarnados — eram campeões mundiais. Na Espanha louca por futebol, imperou a euforia.

Contudo, antes do início do jogo, espectadores que o seguiram pela televisão em todo o planeta ficaram intrigados. Quando foram tocados os hinos nacionais, os jogadores dos Países Baixos gritaram a letra de *O Guilherme*, que se diz remontar a 1572 e celebra Guilherme de Orange, líder da revolta holandesa contra o domínio espanhol. Cantaram o «sangue inocente», os «guerreiros fiéis» e os «corações resolutos» do seu país. Em contraste, Iniesta, Xavi, Puyol e a restante equipa espanhola apenas murmuraram. O hino nacional deles não tem letra. E porquê? Porque os Espanhóis têm uma discordância tão profunda sobre a sua própria história que não se atrevem a compor uma letra. Não podem evocar aquela mistura melíflua de geografia, história, folclore e linguagem bombástica que constitui a essência desses hinos. O orgulho nacional não pode ser verbalizado.

Espanha não tem uma «história nacional» que possa celebrar confortavelmente. Isso torna-a quase única. Outras nações criam narrativas apoiadas na História, no mito e num sentimentalismo

adocicado. Algumas, como a Alemanha, juntam-lhe culpa ou responsabilidade histórica. É raro que tais narrativas sejam factualmente honestas, mas canalizam um vínculo emocional de um povo para com a nação. No melhor dos casos, isso cria comunidade. No pior, dá lugar a guerra.

De qualquer modo, tais histórias acabam por integrar a própria História, uma vez que a maneira como os povos se veem modela as suas ações. Nacionalistas espanhóis fervorosos afirmam habitar a «nação mais antiga do planeta». Não é verdade, mas não há dúvida de que Espanha tem existido mais ou menos na sua atual configuração geográfica durante mais tempo do que a maioria dos países. Qual é então a dificuldade com uma narrativa nacional? Esta breve história argumenta que o desacordo a respeito do passado é, em si mesmo, parte dessa narrativa. Por outras palavras, Espanha tem-se debatido constantemente para recompor uma alma fraturada.

Nasci no Reino Unido, nacionalizei-me recentemente como «novo» espanhol, estando ainda imbuído do entusiasmo de um convertido (muito à maneira dos conversos ao cristianismo, que surgirão mais à frente neste livro), mas esta não é uma tentativa de fornecer a história nacional omissa de Espanha. No entanto, contestarei estereótipos simples (incluindo alguns que os próprios Espanhóis adoram) relativos a um povo considerado ardente, de temperamento impetuoso, dado a festas, indolente, quixotesco ou violento — exceto naquilo em que essas concepções contribuíram para dar forma à própria História.

A Península Ibérica — que Espanha partilha com Portugal — estende-se entre três das mais significativas fronteiras geográficas da Europa. Duas delas são óbvias em qualquer atlas: a primeira separa o Mediterrâneo do Atlântico; e a segunda faz a divisória entre a Europa e a África. A terceira fronteira só é revelada quando desenhamos no atlas os ventos e as correntes circulares do oceano Atlântico. Onde os Romanos viam o limite ocidental do mundo na

Finisterra, a costa atlântica do noroeste de Espanha, esses ventos e correntes ligavam na verdade o continente europeu ao americano. Foi assim que Cristóvão Colombo «descobriu» as Américas e pôde regressar para contar o que fizera. É também essa a razão por que Espanha (ou, antes, Castela — o mais poderoso dos reinos que vieram a constituir um único reino) conquistou grande parte delas, criando o primeiro império global do mundo no século xvi.

A posição de Espanha no canto sudoeste da Europa expõe-na, assim, a ventos culturais, políticos e realmente climatéricos de todos os quadrantes. África fica a uns meros 15 quilómetros para sul pelo estreito de Gibraltar, sendo claramente visível das praias de Tarifa, procuradas pelos praticantes de *windsurf*. O Mediterrâneo — em si mesmo uma comunidade vasta e antiga — liga-a às culturas de Fenícios, Gregos, Judeus, Cartagineses e Romanos, bem como às terras árabes e muçulmanas do Próximo Oriente e do Magrebe. A norte, os montes Pirenéus ancoram-na à Europa Ocidental. As passagens costeiras dos lados atlântico e mediterrânico dessas montanhas permitiram que espécies, culturas, comércio, tendências e gentes se deslocassem para norte e para sul.

Embora a história espanhola esteja repleta de tentativas de resistir a influências ou mesmo invasões «estrangeiras», essas tentativas falharam com frequência. A oposição deu lugar à assimilação. Na verdade, Romanos, Visigodos, Cristãos, Muçulmanos «Mouros» e Judeus muitas vezes não foram, em Espanha, nem invasores nem estrangeiros. Eram «Espanhóis» nativos cujas famílias se tornaram conversos religiosos ou culturais, ou ali viviam havia muitas gerações.

Homens da estepe russa estiveram entre os primeiros a chegar do Norte e foram os únicos a provocar um tumulto genético, visto que eliminaram quase totalmente os elementos autóctones do sexo masculino entre 2500 e 2000 a. C. Berberes muçulmanos invadiram quase todo o país no século viii. Turistas europeus do século xx em busca de sol nos seus automóveis, aviões

e autocaravanas tornaram-se outra espécie de invasores, levando mudança à cultura, aos costumes sociais e à política de Espanha. Imigrantes da América Latina produziram mais uma inflexão na história no começo do século XXI, invertendo uma tendência de séculos em sentido contrário.

Espanha é não só um dos alicerces da Europa como também um dos seus maiores eixos. Em determinados momentos, como um cata-vento, a direção que adota é ditada por forças externas. As tempestades assolam (Romanos, Visigodos, Cristandade, Islão, monarcas Habsburgo, prata americana, exércitos de Napoleão, turistas em biquíni) e Espanha muda. Noutras alturas, agarra o mecanismo que controla o torniquete para moldar não só o seu próprio destino político e cultural, mas o da Europa ou de outras partes do mundo.

A sua escola de tradutores em Toledo alimentou o pensamento intelectual e científico depois dos anos de pousio da Alta Idade Média, devolvendo à Europa o saber grego (com aperfeiçoamentos indianos, persas e árabes). Colombo e os conquistadores que lhe sucederam não só provocaram mudanças letais nos povos do continente americano, como também iniciaram um dos intercâmbios mais notáveis de espécies vegetais e animais (e de doenças mortíferas, fossem ou não sexualmente transmissíveis) que o mundo alguma vez vira. Espanha exportou o romance moderno, «inventado» por Cervantes, e fez muito para expandir a educação formal, sobretudo das elites, através do trabalho dos jesuítas. De forma menos gloriosa, também expulsou os judeus sefarditas e, mais tarde, os muçulmanos autóctones, ao mesmo tempo que perseguia cristãos pelo mínimo indício de desvio à ortodoxia. O primeiro escravo africano a desembarcar nas Américas viajou num navio espanhol, e muitos dos últimos foram enviados por espanhóis para a sua colónia em Cuba.

Tal como a geografia posicionou Espanha num cruzamento global, paradoxalmente, também fez dela uma fortaleza. A Península

Ibérica é um bloco rochoso maciço e altaneiro atracado no canto sudoeste da Europa. Seria o maior país da Europa Ocidental se Portugal não ocupasse também um sexto da sua área. Espanha é o segundo país mais elevado da Europa, ultrapassando-a apenas a Suíça alpina (e, em média, tem quase o dobro da altitude de França ou da Alemanha). A maior parte do seu território estende-se pelo vasto e elevado planalto conhecido por meseta. Rodeiam-na faixas costeiras baixas e em grande parte estreitas, nas quais se comprime atualmente muita da população de Espanha. Hoje, só duas das dez maiores cidades espanholas — Madrid e Saragoça — não se situam numa dessas terras costeiras ao nível do mar, e mais de metade dos Espanhóis vive em províncias litorais (incluindo as ilhas Canárias e as Baleares).

A mudança entre a suave terra costeira e o interior acidentado é tão abrupta em determinados lugares que o cume mais elevado da Espanha continental, o Mulhacén na serra Nevada, fica a apenas 35 quilómetros da costa meridional, enquanto os Picos da Europa, no Norte, se erguem acima do mar Cantábrico, atingindo o seu ponto mais alto a apenas 25 quilómetros para o interior. A meseta é sulcada por vales fluviais profundos e extensas cordilheiras impenetráveis a que o viajante do século XIX Richard Ford chamou «fossos e muralhas». Até à construção de pontes e túneis para transpor esses obstáculos, no século XX, eles mantiveram os Espanhóis apartados e diferentes entre si. Da Galiza, a noroeste, durante vários séculos, a comunicação com Cuba era mais fluida do que, por exemplo, com o canto desértico no extremo oposto de Espanha, em Almeria. Esta tensão, entre as muitas «pequenas Espanhas» viradas para dentro de um interior agreste, com um clima continental de verões curtos e escaldantes separados por longos invernos gelados, e as costas temperadas com ligações globais (bem como com os vales que a elas conduziam) teve grande impacto na história de Espanha. As vagas culturais e políticas que se abatem nas

suas praias costumam levar muito tempo até penetrarem no interior rochoso.

O filósofo espanhol Miguel de Unamuno, dos começos do século xx, tinha razão quando declarou que «a alma castelhana foi grande quando nos expôs aos quatro ventos e se expandiu pelo mundo», mas que murchou quando as janelas se fecharam para impedir a entrada desses mesmos ventos. Um processo contínuo de amálgama cultural proporcionou momentos de vitalidade híbrida que se revela em tudo, na arquitetura, na arte e na agricultura até à filosofia ou à música flamenca. Noutras alturas, quando Espanha negou a sua personalidade transcultural, foi preciso um esforço monstruoso (por exemplo a Inquisição, ou a expulsão em massa de Judeus e Muçulmanos, ou a ditadura e autarcia franquista) para talhar uma identidade nacional «pura». Em tais alturas, os mitos de Espanha sobre si mesma, de resiliência nacional em confronto com agressão estrangeira decorrente de inveja, são desempoeirados e apresentados como verdades incontestáveis. No fim, isto acaba sempre por falhar, precisamente porque as tentativas de homogeneizar as identidades e línguas internas de Espanha (por exemplo dos Catalães ou dos Bascos) estão condenadas ao desastre. Esta tensão, entre a ideia de Espanha como entidade singular, pura e homogénea que só pode ser corrompida pelo mundo exterior ou como lugar de muitas identidades continuamente renovado pelos quatro ventos de Unamuno, nunca foi resolvida. Na verdade, tem sido muitas vezes uma das forças impulsionadoras da sua história. Daí a inexistência de uma narrativa nacional ou de um hino.

Estes temas ressurgirão constantemente nas páginas que se seguem. No entanto, deixemos os factos para depois e principie-mos pelo mito. A história de um país depende de como o seu próprio povo a imaginou. Espanha não é exceção.

1

O TIO HÉRCULES E O POÇO DOS OSSOS

O assassino de mulheres e crianças conhecido por Hércules pelos Romanos expiou os seus pecados de vulto com 12 tarefas celeberrimamente difíceis. Algumas delas, diz a mitologia grega original, foram executadas no «Ocidente remoto», na orla do mundo conhecido. Como o que agora chamamos oceano Atlântico constituía a fronteira ocidental desse mundo, ele veio posteriormente a ser identificado como Espanha, ou Ibéria — a proeminente península no sudoeste da Europa, que é partilhada com Portugal. Numa dessas viagens, Hércules (ou Héracles, como lhe chamavam os Gregos) ficou frustrado por encontrar um par de montanhas a barrar-lhe o caminho. Como era extremamente forte, arrastou-as para os lados, ligando acidentalmente o Mediterrâneo com o Atlântico e criando o estreito de Gibraltar. As colunas gémeas de Hércules, segundo esta narrativa, são o rochedo de Gibraltar e, do lado oposto, a montanha marroquina de Jebel Muça. Para lá delas e no horizonte a oeste ficava a Atlântida, ou pelo menos assim disse Platão, enquanto escritores do Renascimento afirmaram que as colunas também exibiam um letrero de advertência em que se lia «*Non Plus Ultra*», ou «Nada existe a partir daqui».

A ligação de Hércules a Espanha foi elaborada ao longo dos séculos, com autores em busca de uma narrativa nacional que remontasse aos mitos fundadores da civilização ocidental. Segundo versões mais antigas, um sobrinho chamado Hispano viajou com ele e, como os habitantes da Ibéria eram uma turba indisciplinada, Hércules investiu-o como rei deles, fundando assim um país. Os «Hispânicos» de hoje devem a sua classificação étnica ao sobrinho... melhor, aos inventores dessas histórias. A própria Espanha deriva do nome dele, que alguns escreviam como «Espan» — faltando-lhe apenas um til e uma vogal para ser «Espanña».

Na Idade Média, monarcas espanhóis (ou os seus cronistas) gostavam de reivindicar a descendência de Hércules (e, consequentemente, do seu pai, Zeus, conhecido por Júpiter pelos Romanos). O portentoso homem lendário foi posteriormente considerado responsável por ter espalhado monumentos e cidades por Espanha, da grande cidade portuária mediterrânica de Barcelona até ao extenso aqueduto em pedra de Segóvia, o antigo farol na Corunha e até a Universidade de Salamanca. Atualmente, as suas colunas ornamentam a bandeira espanhola e a camisola da seleção nacional de futebol, *La Roja*. Em tempos, foram também incorporadas na moeda colonial espanhola em prata de oito *reales* (ou «dólar espanhol»). Alega-se que permaneceu uma coluna no centro do símbolo «\$» do dólar dos Estados Unidos (que antes era um cifrão com duas colunas verticais), visto ter sido inicialmente modelado na moeda espanhola de grande circulação, que continuou a ser um meio de pagamento legal nos Estados Unidos até 1857.

O mito herculeano diz-nos muito acerca de Espanha, ou de como esta se tem visto a si mesma. Eis um canto remoto da Europa (nos tempos gregos e romanos) que confina com o medonho desconhecido, mas que foi dotado pelos antigos com a sua civilização (que era também da Europa). Isso suscitou muitas vezes uma outra questão. Terá sido Espanha sempre uma parte ativa

e contribuinte dessa civilização, ou seria uma região fronteiriça indómita, o oeste bravio da Europa? Ainda hoje, noutros termos e com pouco fundamento, os Espanhóis refletem sobre esta questão em momentos de melancolia introspetiva, ao mesmo tempo que ficam extremamente ofendidos se algum estrangeiro fizer o mesmo. Com efeito, o autoquestionamento doloroso tem feito parte do discurso espanhol desde há uns bons quatro séculos.

Hércules oferece uma explicação conveniente, ainda que ficção, para a pré-história de Espanha. A história das suas colunas aponta já para a ligação íntima entre África e Espanha. De facto, dos pontos mais elevados do rochedo de Gibraltar, África é quase sempre claramente visível. Os macacos são ali chamados macacos-berberes, como os piratas que outrora viveram na margem oposta. Na verdade, África pode ver-se de toda uma extensão do litoral espanhol, com as suas luzes a cintilar na escuridão.

O estreito corredor entre os dois continentes deixou de ser transitável há cerca de 5,3 milhões de anos, depois de o Mediterrâneo ter secado gradualmente ao longo de várias centenas de milhares de anos. O oceano Atlântico foi contido por um esteio com um quilómetro de altura, que cedeu lentamente (a menos que tenha sido Hércules a derrubá-lo). Algumas reconstruções científicas mostram água a precipitar-se numa torrente com o volume de mil rios Amazonas, resultando num dilúvio bíblico que voltou a encher o Mediterrâneo à razão de uns 10 metros diários de profundidade. Outros cientistas veem um fluxo mais gradual, mas todos concordam que um acontecimento designado por Dilúvio Zancliano separou a Ibéria de África. Eras glaciares posteriores fizeram descer as águas até 100 metros, estreitando o canal e salpicando-o de ilhas. Fósseis e utensílios em pedra encontrados em 2016 na gruta de Vitória e na gruta Negra, perto de Cartagena, no sudeste de Espanha, indiciam que isso pode ter possibilitado que alguns homínídeos primitivos (como chamamos atualmente a estirpes humanas existentes e extintas, e aos seus antepassados

imediatos) tenham saltado de ilha em ilha de África para a Ibéria. Pensava-se anteriormente que eles só haviam penetrado na Europa a partir de África pela extremidade oriental do Mediterrâneo, mas este poderá ser o primeiro exemplo do que o historiador Simon Barton descreveu como o estreito de Gibraltar a funcionar «menos como barreira do que como ponte».

Seja qual for a verdade quanto à maneira como lá chegaram, o conhecimento dos homínídeos e da pré-história humana em Espanha principia num conjunto de grutas em Atapuerca, uma área campestre de relevo suave, perto de Burgos, no noroeste do país. As antigas cavernas calcárias aí existentes constituem um dos locais arqueológicos mais notáveis do mundo, um lugar que revela segredos, ano após ano, enriquecendo o nosso conhecimento da pré-história. Foi aí que se encontraram alguns dos «vestígios mais antigos e mais abundantes da presença da humanidade na Europa», segundo a UNESCO, juntamente com artefactos que reescrevem a História.

A descoberta do local deveu-se involuntariamente ao empresário britânico Richard Preece Williams, fundador da pouco depois falida Sierra Company Limited, que construiu uma ferrovia para transporte de carvão através de uma escavação profunda na década de 1890. A escavação atravessou grutas atulhadas de sedimentos, onde abundavam os fósseis e resíduos pré-históricos. A ferrovia foi encerrada em 1920, altura em que já andava a atrair caçadores de fósseis, e a área ganhara fama com as pinturas rupestres e dentes de antigos ursos das cavernas. Em 1976, um estudante que procurava fósseis encontrou um maxilar humano com 400 mil anos, e a verdadeira importância da jazida arqueológica começou a revelar-se. Quando apareceram ossos de homínídeos de há 800 mil anos na década de 1990, foram saudados como primeira prova de uma nova espécie, um «elo perdido», o *Homo antecessor* (literalmente, «humano pioneiro»), digna de figurar na capa da revista científica *Nature*. Esses homínídeos possuíam traços

faciais extraordinariamente semelhantes aos do *Homo sapiens*, embora a investigação aponte agora para que eles fossem uma ramificação anterior e não um elo comum com os Neandertais. O aparecimento de homínídeos naquele lugar foi feito remontar ainda mais no tempo quando, em 2007, se descobriram dentes e fragmentos de maxila de há 1,3 milhões de anos. Na altura, eram os fósseis mais antigos de homínídeos descobertos na Europa.

Um poço com 13 metros de profundidade numa secção da escavação — o Poço dos Ossos — contém não só restos de animais, mas também a maior coleção do mundo de antigos fósseis de homínídeos de há cerca de 430 mil anos. Esses homínídeos esartejavam animais e também uns aos outros, com utensílios rudimentares, praticando canibalismo. Quando, em 1998, foi encontrada uma cabeça de machado em quartzito encarnado e castanho, conhecida por Excalibur, estava enterrada entre os ossos de 28 indivíduos da linhagem *Homo heidelbergensis* e suscitou, em igual medida, entusiasmo e controvérsia. Se a cabeça de machado foi ali intencionalmente depositada como oferenda fúnebre, tratou-se então da primeira circunstância conhecida em que «humanos» antigos se entregaram a uma atividade simbólica ou cerimonial. Isso faz dela a primeira prova da centelha de criatividade que define a nossa espécie, ou pelo menos foi isso que afirmaram os que descobriram a Excalibur.

Na bruma da pré-história, é fácil sonhar com histórias das origens. A Excalibur permanece aberta a múltiplas interpretações (afinal, pode simplesmente ter escorregado da mão de um homínídeo desastrado). Todavia, em conjunto com o *Homo antecessor*, Atapuerca prova que Espanha — que permaneceu em grande medida habitável durante as eras glaciais (e se tornou refúgio para grupos de zonas geladas da Europa, o que ajuda a explicar a mistura genética heterogénea de Espanha) — conta com uma história homínínea contínua que remonta a há mais de um milhão de anos.

Quanto ao modo como essas pessoas viviam, só nos foram dados breves vislumbres dos seus hábitos — como a cabeça de machado de Atapuerca. Os Neandertais e os *Homo sapiens* misturaram-se durante um breve período. Os povos da Idade da Pedra, com os seus utensílios rudimentares, chegaram em vagas, estabelecendo um padrão para o futuro, ao provirem de diferentes direções e continentes. Primeiro, trouxeram a cultura aurinhacense da Europa continental e do Leste, depois as culturas solutrenses do Norte de África e a cultura magdalenina, mais uma vez proveniente do lado de lá dos Pirenéus. Por outras palavras, a Europa encontrou-se com África na Ibéria.

Um túmulo descoberto em tempos recentes, num olival em Castillejo del Bonete, perto de Ciudad Real (na Espanha central), contém os ossos de um casal com ADN espantosamente diferente, um homem da estepe russa e a sua mulher ibérica. São indício de um período de 500 anos na Idade do Bronze, quando uma prolongada «invasão» de homens desses (como colonos, imigrantes ou ocupantes) de alguma maneira os pôs lado a lado com os autóctones do sexo masculino, cujos cromossomas Y foram quase totalmente substituídos.

Em 1897, um jovem trabalhador agrícola munido de enxada encontrou um busto em tamanho real de uma elegante mulher da Idade do Bronze, esculpido em calcário e enterrado num campo próximo de Elche, na região oriental de Espanha, 10 quilómetros para o interior da costa mediterrânica. Carregada com joalharia volumosa e com dois grandes rolos, semelhantes a rodas, a cobri-lhe as orelhas, supôs-se inicialmente que a exótica dama, com lábios delicadamente esculpidos, fosse uma princesa moura. Parece perdida nos seus pensamentos, com os finos traços fisi-nómicos a refletir os mistérios da vida ou, mais provavelmente, da morte (dado que também serve de urna funerária).

A Dama de Elche, como veio a ser conhecida, passou as primeiras semanas após a descoberta a lançar o seu olhar inquisidor

sobre uma rua local, da varanda da casa citadina do proprietário das terras. Contudo, algumas semanas depois desapareceu. Um arqueólogo francês com olho clínico deu por ela ao passar de visita para assistir à peça medieval cantada Mistério de Elche, que ainda é anualmente representada na Basílica de Santa Maria nos dias 14 e 15 de agosto. O francês percebeu de imediato o valor ímpar do busto e convenceu o Museu do Louvre em Paris a comprá-lo por uma soma considerável.

A notável Dama de Elche, com 56 centímetros de altura, certa vez descrita como exibindo «os melhores lábios da Antiguidade», encontra-se agora no Museu Nacional de Arqueologia de Madrid, onde investigadores raspam cinzas funerárias do século IV ou V a. C. de uma cavidade na parte posterior. A dama de 65 quilogramas é um híbrido cultural, que pertence nominalmente a uma das principais culturas da Idade do Bronze de Espanha, os ibéricos predominantemente costeiros e mediterrânicos. As terras deles incluíam Elche, permanecendo obscuras as suas origens em África, na Europa ou numa região mais oriental do Mediterrâneo. Partilharam a Ibéria com celtas, cujas culturas e povos se haviam disseminado para lá dos Pirenéus vindos de mais do norte da Europa para ocupar o Ocidente e grande parte da meseta. Entre eles, numa ampla faixa encurvada de território que partia do norte da atual Madrid e se estendia para leste e para sul na direção de Elche, instalara-se um terceiro grupo de tribos de estilo celta, confusamente denominados Celtiberos pelo geógrafo grego Estrabão.

Em termos simplistas, os Iberos eram os sofisticados culturais do litoral, a viver em vilas ou aldeias fortificadas e expostos às influências do Mediterrâneo oriental e de África. Entretanto, os Celtas lutavam contra o clima e as condições agrestes do interior, a pastorear gado e acabando por adotar o ferro. Também prosperaram no noroeste atlântico, com a sua chuva copiosa e abundância de alimento marinho, de onde, segundo a lenda

galega local, vieram a conquistar e a colonizar a Irlanda num único dia.

A Dama de Elche mostra como a costa mediterrânica de Espanha já era um cadinho cultural por volta do século IV a. C. O seu alfinete de peito ornamentado é ibérico puro, ao passo que os amplos brincos pendentes pertencem à cultura já mesclada dos Celtiberos. Não obstante, ela parece representar uma sacerdotisa a servir uma versão espanhola da deusa Tanit (de Cartago, em África). Alguns especialistas também detetam elementos gregos e fenícios. Portanto, as influências de África, do Mediterrâneo e da Europa encontram-se todas nesta escultura de 65 quilogramas, um símbolo poderoso de Espanha como lugar de encontro.

Esses encontros tinham começado por assumir uma presença permanente e física, com as grandes nações mercantis do Mediterrâneo oriental — os Fenícios e os Gregos — a avançarem para oeste em busca de ouro, metais e negócios. Os marinheiros fenícios da costa asiática do Mediterrâneo chegaram primeiro, fundando a primeira verdadeira cidade da Europa Ocidental em Cádiz 11 séculos antes de Cristo, numa ilha fácil de defender perto da foz do rio Guadalquivir. Era o posto comercial final numa cadeia que se estendia ao longo das costas do Norte de África, em torno do Levante e até Chipre e Creta. Mais uma vez, este também era território mítico de Hércules, próximo tanto das suas colunas como do portão para o Hades (que se dizia estar localizado perto do rio Tinto, em Huelva, cujas águas metálicas, em tom laranja e vermelho, eram simultaneamente uma fonte de admiração e um sinal de depósitos metálicos valiosos). Os vizinhos originais dos Fenícios eram uma cultura espanhola misteriosa e fortemente romantizada, os Tartéssios, que extraíam ouro e outros metais. Os Fenícios expandiram-se ao longo das costas atlântica e mediterrânica, bem como pelo amplo vale fértil do Guadalquivir, vindo a ocupar partes do que são agora as províncias de Sevilha, Cádiz e Huelva. Deixaram para a posteridade excertos fascinantes de

uma língua escrita, principalmente em breves inscrições em sepulturas da Idade do Ferro. Estrabão identificou o povo que lhes sucedeu, os Turdetanos, como:

os mais sábios dos Iberos; e utilizam um alfabeto e conservam registos da sua história antiga, poemas e leis escritas em verso que têm seis mil anos, segundo afirmam. Os outros Iberos também usam alfabeto, mas não letras de um e do mesmo tipo, porque a sua língua não é a mesma nem uma só.

O legado mais espetacular desta cultura aparentemente opulenta e sofisticada são as 21 peças de ouro que formam o Tesouro Carambolo do século VII a. C., que inclui braceletes, um colar e placas guarnecidas de ouro. Foram desenterradas por trabalhadores num clube de tiro aos pombos nas proximidades de Sevilha, em 1958. Mais uma vez, as relíquias douradas mostram culturas a aproximarem-se umas das outras e a combinarem-se, uma vez que o metal precioso era minerado no local, embora as técnicas sejam fenícias (tal como alguns caracteres alfabéticos tartéssios se assemelham à escrita fenícia).

De facto, os Fenícios estenderam lentamente a sua influência ao longo da Espanha meridional e pela costa oriental acima, chegando até à ilha Balear de Ibiza. Entretanto, os Gregos chegaram seis séculos antes de Cristo e montaram um primeiro entreposto comercial — um satélite da sua colónia em Marselha — em Emporion (Ampúrias), na Catalunha, 30 quilómetros a sul da fronteira francesa. Em seguida, alargaram a sua rede mais para sul, instalando vários entrepostos perto da foz do rio Júcar, a sul de Valência. Para eles, não havia «Espanha» — ou Hispânia, como lhe chamariam os Romanos — visto que falavam da «Ibéria».

Embora as ruínas costeiras de Emporion possam ser hoje visitadas, não são precisos artefactos antigos para apreciar o impacto duradouro que os Gregos e os seus rivais comerciais fenícios

tiveram em Espanha. Entre eles, trouxeram oliveiras e videiras comerciais, plantas que alteraram a agricultura e a paisagem da península, continuando hoje connosco.

Assim, cinco ou seis séculos antes de Cristo, Iberos e Celtas representavam um mundo entrelaçado de norte e sul, ao mesmo tempo que povos mercantis sofisticados e aventureiros provenientes das culturas meridionais europeias e norte-africanas do Mediterrâneo se fixavam ao longo do litoral de Espanha. No entanto, a população da Ibéria continuou a ser uma mescla de tribos, colónias e culturas que se sobrepunham e iam, ou não, interagindo. Ao mesmo tempo, o ocidente continuava a ser o limite exterior do mundo conhecido, um horizonte aquoso e cinzento para lá do qual viviam monstros e lendas.

ELEFANTES, CARTAGINESES E ROMANOS

Os 38 elefantes de guerra que avançaram penosamente para norte, em direção ao extremo oriental dos Pirenéus, em 218 a. C., constituíam um espetáculo invulgar e inspiravam temor respeitoso. Os pesados animais cinzentos acompanhavam as tropas comandadas por um general cartaginês ambicioso e talentoso chamado Aníbal, que passara a maior parte da sua vida ainda jovem em Espanha. Como é bem sabido, dirigiam-se para Roma, estando as duas grandes potências do Mediterrâneo ocidental mais uma vez em conflito na Segunda Guerra Púnica.

A poderosa Cartago fora derrotada 23 anos antes na Primeira Guerra Púnica por uma república romana ambiciosa e expansionista. A disputa épica e já prolongada entre elas pelo poder lançou uma potência europeia contra outra africana, ficando Cartago próxima da atual Tunísia e controlando grande parte da costa setentrional de África, bem como os antigos entrepostos fenícios na Ibéria, como Cádiz, Málaga (Malaca) e Sexi, a sul de Granada.

Em 236 a. C., um empreendedor general cartaginês chamado Amílcar, também conhecido por «Barca» (o «Relâmpago»), atravessara para Espanha, determinado a alargar o império ameaçado de Cartago e vingar-se de Roma. O historiador romano Tito Lívio

afirmou que o filho de 9 anos de Amílcar, Aníbal, suplicou para que o deixasse ir também. Outra história mostra o pai a pegar no rapaz por cima do corpo de uma vítima a ser sacrificada aos deuses e a fazê-lo jurar que «logo que a idade o consinta [...] usarei fogo e aço para prender o destino de Roma». No entanto, Aníbal ficou em Cartago enquanto sonhava com Espanha e com a possibilidade de se juntar ao pai.

Como a frota cartaginesa tinha sido destruída na Primeira Guerra Púnica, Amílcar conduziu o exército em marcha ao longo da costa, em direção às Colunas de Hércules. A partir daí, era fácil transportar os soldados por barco através do estreito para a Cádiz sob controlo cartaginês. Ele tratou então de assegurar o domínio das minas de ouro e prata da serra Morena, sobranceira ao vale do Guadalquivir, antes de abrir caminho à força pelo sul e leste de Espanha. Quando, acidentalmente, Amílcar se afogou, o seu genro, Asdrúbal, o *Belo*, de célebre formosura, assumiu o comando e pediu que lhe levassem Aníbal, então com 19 anos. Asdrúbal expandiu a zona cartaginesa mediante acordos inteligentes com chefes iberos e fundou a cidade portuária oriental que é hoje Cartagena (Qart Hadasht), sendo depois assassinado por um prisioneiro ibero em 221 a. C. e passando a liderança para Aníbal, com 26 anos. O jovem general inspirou entre as tropas a mesma devoção que haviam dedicado ao pai, de quem ele herdara «a mesma expressão determinada, os mesmos olhos penetrantes, os mesmos traços fisionómicos».

Roma assistiu nervosamente enquanto os Cartagineses avançavam para norte, transformando a faixa de Espanha que controlavam no seu mais vasto território. Se Aníbal chegasse aos Pirenéus orientais, estaria tão perto de Roma como de Cádiz, ainda que se interpusessem as terras dos Gauleses entre eles. Fora acordada uma fronteira entre as zonas cartaginesa e romana de influência e conquista futura em 226 a. C., que se estendia ao longo do rio Ebro. O porto de Sagunto, na região meridional da

costa mediterrânea, perto da atual Valência, foi declarado cidade livre, mas em breve solicitou a proteção de Roma. Contudo, com Aníbal no comando, Roma começou a interrogar-se se os acordos sobre fronteiras e cidades protegidas seriam respeitados.

Aníbal era sanguinário e vivaz, avançando vorazmente por Espanha e investindo para o interior, na direção da meseta, para derrotar as suas tribos e dominar uma região mais vasta do que a própria Cartago. Numa batalha famosa, os seus homens massacraram um exército de carpetanos — celtas da zona central de Toledo e Madrid —, cujos soldados foram emboscados ao passarem a vau o rio Tejo. Segundo Lívio, muitos foram «arrastados pela corrente do rio, alguns levados para a margem em que estava o inimigo, sendo mortalmente espezinhados pelos elefantes».

Quando Aníbal saqueou a próspera Sagunto em 219 (depois de os defensores resolutos lhe terem cravado um dardo na coxa), ordenou o massacre de todos os homens adultos. Esta vitória contra a cidade que procurara a proteção de Roma deu-lhe o controlo das últimas terras por conquistar a sul do Ebro, fazendo dele senhor de grande parte de Espanha. Por precaução e para fortalecer uma aliança, ele desposara uma princesa íbera chamada Imilce, da tribo oretana de La Mancha. Tal como os Fenícios do litoral asiático «levantino» do Mediterrâneo tinham sido os primeiros a introduzir as culturas sofisticadas dessa região na Espanha continental, foi também outra potência não europeia, Cartago, a consolidar pela primeira vez o governo sobre grande parte de Espanha. Contudo, isto também rompeu o tratado com Roma, pôs em movimento as placas tectónicas do poder mediterrânico e desencadeou a Segunda Guerra Púnica, que se prolongou por 17 anos.

As tentativas iniciais dos Romanos para instilar a rebelião e a resistência em Espanha fracassaram. Os Volcianos, tribo íbera da atual Catalunha, disseram a emissários romanos que,

depois de terem visto o que acontecera à população de Sagunto, seriam loucos se enfrentassem Aníbal. «Procurem aliados onde nunca se tenha ouvido falar da queda de Sagunto», aconselharam. «As nações de Espanha veem nas ruínas de Sagunto uma triste e enfática advertência contra confiar em alianças com Roma.»

Em vez disso, Aníbal atacou. Atravessou o Ebro e avançou em direção à Gália com os seus elefantes norte-africanos (uma subespécie hoje extinta com cerca de 3 metros de altura na espádua). O exército dele adestrara as suas capacidades durante 23 anos de combates em Espanha, e muitos dos seus 52 mil soldados eram iberos nativos ou celtas espanhóis (embora 10 mil tenham desertado ou sido mandados para casa quando chegaram aos Pirenéus). Outros 15 mil soldados espanhóis equipados com pequenos escudos redondos revestidos a pele de boi, incluindo 870 «fundibulários baleares», foram enviados para África para defender a própria Cartago.

Roma esperava travar esta guerra em Espanha, mas o exército de Aníbal surpreendeu-a ao fazer uma travessia épica dos Alpes. Ele conquistou grande parte de Itália, acompanhado pelo punhado de elefantes que sobreviveu aos desfiladeiros alpinos, mas nunca infligiu uma derrota definitiva aos Romanos. Lívio chamou a esta guerra «a mais memorável que alguma vez foi travada», com iberos recrutados para combaterem de ambos os lados. «Nenhuns estados, nenhuma nação alguma vez se enfrentaram com maior força ou riqueza de recursos», comentou. «Todavia, por muito grande que fosse a sua força, o ódio mútuo que sentiam era quase maior.»

Aníbal destruiu muitos exércitos romanos, mas, por fim, a sua aventura foi um fracasso. Com efeito, enquanto errava por Itália com os seus exércitos, os Romanos lançaram um ataque sobre a Ibéria, acabando por expulsar de lá os Cartagineses em 206 a. C. Nos nove séculos que se seguiram, a história de Espanha foi dominada pelo seu estatuto como parte do Império Romano,

ou como lugar governado pelos regimes visigóticos romanizados que se seguiram.

Os generais romanos varreram a Gália em dez anos, e levariam 45 anos para ocupar grande parte da Britânia (recrutando soldados iberos para o fazer). Contudo, levaram 200 anos para alcançar o controlo total da Ibéria. As barreiras formadas por rios poderosos como o Ebro e o Douro, e por extensas e altas cordilheiras de montanhas, desempenharam mais uma vez um importante papel. O mesmo aconteceu com as numerosas tribos e grupos pequenos que tinham de ser cooptados ou conquistados, um a um. Alguns eram notoriamente obstinados. Depois de um cerco feroz conduzido por Cipião Emiliano, os habitantes de Numância, uma povoação celtibera muralhada numa colina perto de Sória, na Espanha central, optaram por suicídio em massa em 133 a. C. A ideia de «resistência numantina» — ou combater até ao derradeiro minuto — permaneceu como conceito espanhol desde então.

Os Romanos construíram 20 mil quilómetros de estradas diretas (em muitos casos pavimentadas), infraestruturas magníficas como o aqueduto ainda ereto em Segóvia e o farol na Corunha, e técnicas aperfeiçoadas de irrigação. Uma administração eficiente dividiu a península a que chamavam «Hispania» em duas províncias e depois, gradualmente, em nove. No entanto, a rede de estradas romanas era muito menos densa do que, por exemplo, na Britânia, na Gália, na Ásia Menor ou no Norte de África — mais um sinal da geografia impenetrável de Espanha.

Virada para o Mediterrâneo, na direção de Roma, Tarragona era inicialmente a capital da província da Hispania Citerior, ou «Espanha de Cá», a governar o Norte e o Leste, enquanto a Hispania Ulterior, ou «Espanha de Lá», cobria o Sul e o Oeste. Tarragona tornou-se a cidade mais rica da costa oriental, em parte graças aos seus vinhos. Mais significativo foi que os Romanos inseriram a Ibéria numa rede de relações comerciais de todo

o império. Esta rede atingiu o seu máximo esplendor no reinado de um hispano-romano, o imperador Trajano, em 117, altura em que o Mediterrâneo era um lago romano, oferecendo amplas oportunidades comerciais. Trajano não foi o único imperador espanhol, porque tanto o seu primo (e sucessor) Adriano como o posterior imperador do século IV, Teodósio, o *Grande*, eram também originários da Ibéria. O reinado em grande parte pacífico e prolongado por 21 anos do «ditador benevolente» Adriano, que terminou em 138, foi descrito pelo historiador Edward Gibbon como superintendendo ao «período mais feliz da história humana». Em Espanha, o culto imperador remodelou totalmente a sua terra natal de Itálica, nas proximidades de Sevilha, e restaurou o templo a Augusto em Tarragona. Em Inglaterra, ficou célebre a construção que ordenou de 118 quilómetros de muralha defensiva de costa a costa, no Norte, para impedir o avanço dos Pictos. Entretanto, Teodósio cindiu definitivamente o império em dois ao fazer dos filhos — Arcádio e Honório — que teve com a sua mulher hispano-romana, Aella Flávia, seus herdeiros. Assim, Honório herdou então o império ocidental com a morte do pai em 395, enquanto Arcádio (que também nascera em Espanha) governou o império oriental.

Uma estrada principal, a Via Augusta, com 1500 quilómetros, seguiu o itinerário do que antes fora conhecido por Estrada Herculana. Estendia-se de Cádiz — onde Júlio César chorou ao visitar o templo construído no hipotético local de sepultura de Hércules — pelo vale do Guadalquivir, depois pelo vale do Júcar e para norte ao longo da costa mediterrânica até à Gália e, por fim, chegando a Roma.

No século III, os Romanos também tinham introduzido o Cristianismo. É provável que o novo culto tenha chegado com legionários às colónias de aposentados no Sul, ou ao regressarem de guerras na província da Mauritània (a faixa mediterrânica setentrional dos atuais países do Magrebe, de onde vinham os

Mauros, ou Mouros). Em Espanha, tornar-se-ia uma arma em futuras guerras de identidade.

Sublevações locais e ocasionais pouco conseguiram perturbar três séculos de calma relativa em que alguns iberos, sobretudo os que viviam ao longo do Mediterrâneo e nas principais bacias fluviais, como o Guadalquivir, se tornaram totalmente romanizados. Ao longo das costas e pelos vales acima, como dá a entender a presença de tantos imperadores hispano-romanos, esta era uma questão de gentes locais adotarem uma identidade romana em vez de uma invasão de colonos ou conquistadores. A Espanha interior revelou-se muito mais difícil, e muitos, sobretudo a noroeste, só eram superficialmente romanos. Contudo, todos beneficiaram com a estabilidade imperial.

No decurso dos séculos III e IV, quando a própria Roma se debatia com problemas, as elites trocaram as cidades pelas suas propriedades rurais. A riqueza e a segurança conservavam-se agora melhor no campo. Com o império ocidental a entrar cada vez mais em declínio no século V, bárbaros germânicos — Vândalos, Suevos e outros — invadiram-no ou foram convidados a entrar para ajudar os Romanos a controlar a Ibéria. Os Suevos estiveram entre os primeiros a constituir uma espécie de reino de rutura, governando sobre a Galiza e partes do que viria a ser Portugal, entre 410 e 584. Por fim, os Romanos chamaram os Visigodos, antes de entrarem em declínio e serem substituídos em meados da década de 470 em toda a restante Ibéria pelos seus novos mercenários. Isto não foi tão traumático como parece.

Os Visigodos já estavam eles próprios romanizados e eram pouco numerosos. Inicialmente, não passavam de uma elite armada que dirigia o que o historiador Richard Fletcher chamou «Espanha romana sob nova gestão». Tornaram-se cristãos, falavam latim, administraram o país como romanos e admiravam o seu legado cultural. No entanto, as cidades sofisticadas, mas cada vez mais sem lei, continuaram a perder poder para as grandes

propriedades latifundiárias que pertenciam a magnatas hispano-godos com exércitos pessoais de que os monarcas vieram a depender. Entretanto, propriedades rurais e cidades perderam ambas acesso aos seus lucrativos mercados de exportação no antigo Império Romano. Com o domínio central a enfraquecer, e o crime a disseminar-se, homens livres procuraram cada vez mais a proteção desses senhores poderosos. eclodiu a luta de facções, possibilitando que bizantinos que serviam o bem-sucedido imperador Justiniano se apoderassem de terras costeiras para aumentar o seu império sediado em Constantinopla. Ocuparam uma faixa de 500 quilómetros no Sul que se estendia de Cartagena a Medina Sidónia, perto de Cádis, e era conhecida como «província espanhola» do Império Bizantino.

Um vigoroso rei visigodo chamado Leogovildo subjugou a maior parte da oposição, com o filho Suintila a terminar a tarefa de unificar a Ibéria em 624. Nessa altura, a velha cidade romana de Toledo, alcandorada num meandro rochoso do rio Tejo, tornou-se capital política e religiosa.

Permanecia um aspeto contencioso. Os magnatas visigodos, e o próprio rei Leogovildo, eram cristãos arianos — que viam Cristo como subordinado de Deus, o Pai —, enquanto os Hispano-Romanos eram católicos trinitários obstinados. No impasse que se seguiu, foram os Visigodos a ceder. O filho e herdeiro de Leogovildo, Recaredo I, converteu o reino e declarou-o católico em 589. Houve descontentamento inicial e algum sangue derramado, mas a questão estava agora resolvida.

Principiou um período de esplendor visigodo. Redigiram-se códigos jurídicos ambiciosos, os intelectuais prosperaram e os Visigodos contraíram matrimónios cruzados com Hispano-Romanos, criando, pelo menos entre as elites, uma sociedade confortavelmente mista. Os Visigodos tornaram-se contribuintes de vulto para a vida intelectual da Cristandade latina. Em parte, isto deveu-se ao facto de os bispos serem figuras poderosas, com

terras, riqueza e mecenato próprio, mas também por permanecerem em contacto com a cultura vigorosa de Bizâncio. No entanto, existia também uma importante tradição hispano-romana a servir de base (tanto o poeta Marcial como o filósofo cáustico Séneca, o *Velho*, eram originários de Espanha).

Um homem notável destaca-se. Santo Isidoro de Sevilha provinha de uma das antigas famílias de elites hispano-romanas que prosperaram com os Visigodos. Era clérigo, político, teólogo, pedra angular da primitiva igreja medieval e colecionador incorrigível de saber. Os feitos de Isidoro são tão vastos que, não tivesse a sua obra perdurado até hoje, poderia ser considerada mera lenda.

Isidoro vinha de uma poderosa família cristã e os seus três irmãos também foram santificados. O irmão mais velho, Leandro, ajudou a converter Recaredo ao Catolicismo e foi predecessor dele como bispo de Sevilha, razão por que hoje figuram ambos nos emblemas usados pelos jogadores do clube de futebol de Sevilha. Um segundo irmão, Fulgêncio, serviu como bispo sob o mesmo rei. Contudo, talvez nenhum dos três irmãos fosse tão poderoso como a irmã, Florentina, que superintendia à maioria dos conventos espanhóis.

Conhecemos quase exatamente a dimensão total do saber visigótico — e, portanto, o modo como as pessoas mais instruídas da Espanha do século VII viam o mundo —, porque Isidoro escreveu tudo. Os 20 volumes da sua enciclopédia, a *Etymologiae* ou *Origens*, tornaram-se o manual mais popular da Europa medieval. Escrita ao longo de 25 anos, representa os limites do conhecimento nas «trevas» da Alta Idade Média na Europa, uma vez que destila tudo o que vem nos tomos clássicos que sobreviviam nesse período — incluindo Aristóteles — até às regras de pontuação.

Este compêndio único (para a época) do conhecimento cobria astronomia, geografia, história, teologia, filosofia moral, aritmética, literatura, gramática, geometria, arquitetura, animais, plantas,

minerais e muito mais. Na verdade, era tão vasto que alguns consideram que Isidoro é o santo padroeiro não oficial da Internet. O impacto desta obra foi ao mesmo tempo extraordinariamente luminoso e destrutivo. Monges irlandeses, que começaram a lê-la pouco depois da morte de Isidoro, aos 80 anos, em 636, chamaram-lhe o «Culmen» — ou o culminar de todo o conhecimento. Infelizmente, alguns dos tomos clássicos originais em que se baseou perderam-se precisamente porque as pessoas deixaram de os ler logo que a «cábula» alargada de Isidoro, com as suas versões sintéticas, ficou disponível. Ler Isidoro era muito mais fácil e rápido do que debater-se com o original. Notavelmente, as *Origens* tornaram-se um sucesso de vendas mais de oito séculos depois, a seguir à invenção da prensa de caracteres móveis, com dez edições publicadas entre 1470 e 1530. Poucos autores na História tiveram tamanho impacto.

Isidoro é também um dos primeiros espanhóis a escrever concretamente acerca de «Espanha» — ou, pelo menos, «Hispania». Inclui uma elegia à pátria na sua *História dos Godos, Vândalos e Suevos* (mais um projeto de grande envergadura), elogiando Espanha como «a mais bela terra a ocidente da Índia». Diz ele que a Hispania é «o ornamento do mundo [...], rica em frutos, com uvas abundantes e colheitas felizes». O clima, as paisagens e a agricultura eram tais que «há muito tempo, a dourada Roma — essa líder de povos — te desejou [...] até que a nação florescente dos Godos, após numerosas vitórias por todo o mundo, te conquistou e te amou, e te conserva e desfruta de ti até hoje na segurança do seu domínio soberano».

Isidoro é elogiado como «o último erudito do mundo antigo», embora talvez possa ser melhor pensar nele como uma biblioteca ambulante de pensamento antigo. A sua influência sente-se ainda hoje, sendo-lhe atribuída a invenção dos principais símbolos de pontuação, incluindo o ponto final, a vírgula e os dois pontos. «Uma expressão cujo sentido e gramática estivessem completos

receberia um ponto no topo da linha, que acabaria por migrar para o fundo e tornar-se o ponto final que hoje conhecemos», explica a estudiosa Florence Hazrat.

Uma expressão cujo sentido e gramática estivessem completos, mas pudesse ser expandida, receberia um ponto ao centro: os futuros dois pontos. Por fim, uma expressão que não estivesse completa em sentido ou em gramática seria marcada com um ponto ao fundo, o que evoluiu para a vírgula [...] As ideias de Isidoro circularam amplamente e, no final do mesmo século, monges irlandeses tinham acrescentado espaços entre as palavras ao seu sistema de pontos.

Com a conformidade religiosa trazida por Isidoro e outros veio o desejo de pureza. Os Judeus tinham sido uma presença discreta em Espanha, mas a aumentar desde há pelo menos cinco séculos, e eram os seus primeiros monoteístas. Isidoro esteve entre os primeiros espanhóis a escrever uma contestação ao que ele considerava a natureza dissimulada da fé deles, no *De fide catholica contra Judaeos*. Mais sombriamente, participou também na decisão de lhes interditar (e aos seus descendentes cristãos, caso se convertessem) o desempenho de cargos públicos e retirar os filhos a quaisquer «falsos» convertidos que fossem na verdade criptojudéus.

De facto, no final do século VII os Judeus tinham-se tornado um alvo, estando presentes na maior parte da Cristandade. Foram decretadas mais leis contra eles, incluindo a obrigação de se converterem, emitidas ordens que os privavam de propriedade ou os sujeitavam à escravidão. Essas regras draconianas só foram executadas parcialmente, se o foram. Ainda assim, o futuro parecia amargo para os judeus de Espanha — até que os Muçulmanos os salvaram da perseguição cristã.

UM LIVRO QUE PERCORRE A RICA E VARIADA HISTÓRIA DE ESPANHA NUM COMPÊNDIO BREVE E ACESSÍVEL

A posição de Espanha no canto sudoeste da Europa fez com que se tornasse um ponto de encontro de culturas ao longo da História. Na Idade do Bronze, os homens das estepes russas foram dos primeiros a chegar ao território espanhol, seguidos pelos povos visigodos, árabes e romanos, os exércitos napoleónicos e muitos outros invasores e imigrantes. Mais tarde, ventos e correntes circulares conduziram os Espanhóis ao continente americano, permitindo a Espanha conquistar e colonizar grande parte do Novo Mundo e tornar-se o primeiro império global.

Como resultado, Espanha tem sido um dos grandes alicerces da Europa. Todos os povos com que contactou lhe conferiram uma diversidade étnica e cultural que se revela em tudo, desde a arquitetura e a agricultura até à filosofia ou às touradas.

Porém, sempre que Espanha tentou negar essa inevitável heterogeneidade, procurando demarcar-se e moldar uma identidade singular, isso revelou-se impossível. Neste livro, o autor defende que é a ausência de uma identidade homogénea o principal traço que define esta nação.




«Giles Tremlett destila séculos da história de Espanha com admirável clareza e num estilo aprimorado, o que resulta num texto profundo, mas informativo e acessível.»

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

História

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896236960



9 789896 236960 >